

INVISIBILIDADE COLETIVA: SER BRANCO, SER PRETO, SER SUJEITO

Collective invisibility: being white, being black, being a subject

TATIANE RODRIGUES ZARAM ALCÂNTARA¹

RESUMO: Este artigo tem como objetivo adentrar sobre a invisibilidade coletiva que por muito tempo penetra as instituições psicanalíticas e seminários clínicos. Um estudo sobre a clínica e a escuta dos sujeitos negros, esses mesmos que há séculos lutam para falar e escrever, mas que pouco são referenciados, ouvidos ou interpretados. O instante de ver está acontecendo e ações afirmativas estão incidindo nas instituições. Para esse movimento, te convido a pensar na parentalidade sobre sujeitos negros e seus atravessamentos.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo. Psicanálise. Parentalidade.

ABSTRACT: This article aims to delve into the collective invisibility that for a long time penetrates psychoanalytic institutions and clinical seminars. A study on the clinic and listening of black subjects, these same ones, who for centuries, have struggled to speak and write, but that few are referenced, heard or interpreted. The moment of seeing is happening and affirmative action is focusing on institutions. For this movement, I invite you to think about parenting about black subjects and their crossings.

KEYWORDS: Racism. Psychoanalysis. Parenting.

Introdução

Início este texto referenciando Esperança Garcia. Ela foi a primeira negra que escreveu e denunciou maus tratos sofridos. Depois dela, outras se aventuraram a escrever e denunciar o mesmo. Percorrendo o olhar na carta escrita por Esperança Garcia em 1770 e analisando seu perfil à época, encontramos uma mulher negra, escravizada, mas que sabia ler e escrever, que não se deixou limitar e enviou uma carta ao então presidente da Província de São José do Piauí,

¹ Psicanalista e psicóloga. Pós-graduada em Psicanálise, Perinatalidade e Parentalidade pelo Instituto Gerar. Docente do departamento de Psicologia na Faculdade Anhanguera – Jacareí/SP. Integrante da equipe editorial da Revista Traços, do Instituto Gerar de Psicanálise. Psicóloga na empresa Bloom Care. E-mail: psitatiezaram@yahoo.com.

Gonçalo Lourenço Botelho de Castro, na qual denunciava maus tratos e abusos físicos contra ela e seu filho, cometidos pelo feitor da Fazenda Algodões (Mott, 1985).

Ao retomar os ensinamentos deixados por Esperança Garcia através de sua trajetória, tão pouco registrada ao longo da história, mas tão presente em sua carta, deixo a esperança de que artigos e cartas possam manter, para além do tempo, o registro realizado por ela sobre os maus tratos e seu desejo de batizar seu filho para além de uma vida escravizada. Era substancial em sua escrita que ela desejou ser liberta e viver como sujeito com sua família.

A partir dessas amarras, somos também aqueles que escutam. Psicanalistas que escutam os sujeitos presos em suas fantasias e que são atravessados por uma sociedade estruturante, a qual nos faz pensar para além, e que nos impulsiona para o perfeccionismo de um ideal branco.

Por isso, retorno a Esperança para escrever, registrar e buscar a esperança de que os outros possam ler sua história. Quando digo ler, digo ler autores negros! Aqueles que não são referenciados, e que estão no movimento negro há séculos. E que você, que está lendo este artigo, possa se libertar dos teóricos apenas brancos da psicanálise. Assim como o modelo europeu psicanalítico, convido você a analisar as consequências dessas escolhas, a partir dos sintomas que emergem hoje no Brasil na própria psicanálise: instituições com apenas sujeitos brancos e a dificuldade do sujeito negro adentrar nas instituições e na clínica para realizar sua análise pessoal.

O caminho é extenso, os murmurinhos rolam solto nos seminários, grupos e instituições. Quando o assunto é relação racial, o incômodo é nítido, o silenciamento também. Todos revendo e pagando o preço de uma vida de dor silenciada. Sei que há uma imensidão de sujeitos que precisam compreender sobre essa escravidão-estrutural, hoje presos em seus pensamentos, desejos reprimidos e atos. Assim, nos deparamos com a invisibilidade coletiva do ser sujeito negro.

Ao longo do texto, escreverei em primeira pessoa, para afirmar o meu sujeito negro que se mantém vivo para manter a luta dos meus ancestrais e daqueles que escreveram antes de mim. Como afirma Grada Kilomba (2019), que relata sobre seu próprio narrador da vida real, ao escrevermos em primeira pessoa deixamos o papel do outro como objeto para nos tornarmos sujeitos de nossa própria história, algo dominante nos textos escritos por autores negros.

Os sujeitos de que vos falo

E quem são esses sujeitos? Escrevo para as Dandaras, Carolinas, Reginas e tantas outras que passaram e passam em minha clínica. Tem as escritoras, as sonhadoras, as tranquilas, as raivosas e as que entregam tudo de si.

Em meio a tudo isso, existe um “Eu” que muitas vezes questiona as imposições de uma sociedade perversa, que nos priva do direito de ir e vir, de estarmos

onde desejamos e de desfrutar plenamente da vida. O instante de ver, em uma clínica psicanalítica, sempre chega com muitas repulsas por elas. Cada uma vai adentrando com suas realidades e vai se deparando com algo que não se vê, mas que se sente o tempo todo, o latente que grita o tempo todo, e o medo de nomear. Quando nomeamos e falamos conscientemente sobre as palavras, tudo se modifica. Estou me referindo ao racismo.

Um racismo velado que a sociedade construiu há séculos, como diz Dandara em uma de suas sessões: o peso do meu povo. Que peso é esse? Um peso que é difícil de carregar, sim, Dandara, eu vos escrevo, é difícil de carregar, mas você não está sozinha.

E a Carolina, que tem sonhos brilhantes e sonhos de arrebatador o céu, como uma astronauta, e vê as mais lindas estrelas em seu horizonte. Ela tem um lugar privilegiado, mas ainda encontra dificuldades para desfrutar desse brilho arrebatador. Eis o tempo de compreender o porquê.

As Reginas, sempre sábias, atravessam seus momentos com tranquilidade, mas por dentro algo é disparador, para um sintoma ou uma angústia mais profunda. As Iaras chegam cansadas daquilo que lhes é imposto e estão cansadas de lutar. A raiva está sempre ao seu lado e o adormecimento aflora no seu dia a dia.

Estou falando das relações de gênero, raça e classe, que permeiam o corpo, a parentalidade e os laços. Essas são relações com as quais os brancos estão tentando lidar, surpreendidos por aquilo que os estruturou. Esses brancos dos quais estou falando são aqueles que ainda ocupam o lugar do grande Outro, que não compreendem a angústia que vai e volta do sujeito ao seu lado.

É preciso que chegue o tempo de compreender para um povo, e hoje se pode perceber os murmurinhos que acontecem nas mesas das confraternizações, nas mesas dos bares, nos seminários e nas rodas do rolê. O papo esquenta, logo após vem o silenciamento. Hoje me arrisco a dizer que é um silenciamento de produção e expansão de consciência, mas ainda há o silêncio diferente do silêncio coletivo que se espanta há séculos.

Vejo pessoas refletindo, questionando-se sobre as ações afirmativas. Eis o instante de ver. Que chegue logo o tempo de compreender, para pensarmos o momento de concluir. Será que isso pode ocorrer? O momento de concluir é distante, talvez leve uma vida, a morte... essa daqueles que já morreram em vida e que esperam por sua liberdade.

Entre os seminários, as discussões teóricas, os estudos de casos, os lugares que habitamos, rola o estrangeirismo. Nós negros vamos pertencendo onde nos cabe e onde nos escutam e nos leem. A partir disso, agradeço este convite para escrita.

Por ora, convido-os a pensar nas crianças, e em quem exerce a função parental. Mas como pensar nas estruturas parentais se elas são atravessadas pelo não lugar e pelo não sujeito? É preciso compreender essas demarcações dos sujeitos negros.

Os discursos negros e os incômodos

Os olhares que nos atravessam, esses mesmos que nos constituem, muitas vezes nos arrematam para o distanciamento do ser sujeito, o ouvir nossa voz, e o deixar que o negro possa se posicionar. Há um incômodo, e deixo aqui registrado que é preciso ser compreendido.

Incômodo esse que perpassa os olhares atentos, expressões faciais que dizem: Mas como nunca pensei nisso antes? Como assim eu sou racista? A luta vem de séculos atrás; muitos dos nossos ancestrais já morreram, cada um carregando o peso de sua luta, no corpo físico e no psíquico.

Souza (1983) comenta que a identidade do sujeito negro vai contra os interesses históricos e psicológicos em todos os aspectos. Existe uma tradição histórica e política estruturante na qual os brasileiros buscam a promoção social e, nessa dinâmica, os negros são frequentemente colocados em posição inferior à classe dos brancos. Pensar as significações do sujeito negro se faz necessário para darmos continuidade aos seus aspectos simbólicos e estruturantes.

A autora afirma, ainda, que se ouve dizer que os discursos negros são um tema, introduzindo, assimilando e copiando os discursos brancos. Os negros são marginais, negros são maus. Explica que o sujeito negro busca a identidade do perseguidor, a adoção de sua postura subjetiva de classe, a imitação obsessiva de centros autoritários, a reprodução de ideais, a idealização atrasada e, portanto, o maior ativo branco contínuo de ilusão de classe. Um ideal branco pelo qual a sociedade estrutura os negros a seguir um padrão que lhes é difícil alcançar (Souza, 1983).

A luta do movimento negro está mais forte. Emociono-me ao ver e ouvir as forças que vieram antes; essas mesmas precisam descansar. Vejo os jovens negros se posicionando como psicanalistas e adentrando as instituições, os seminários, e fica aqui um pedido: deixe-nos chegar.

Vai ter negro colorido, vai ter negro se destacando, vai ter negro falando, pois estamos nos apoiando e estamos em todos os lugares, somos mais da metade da população brasileira. No entanto, ser negro no Brasil é um problema – ele sofreu muitos obstáculos, mas escolheu quebrá-los, tornando-se ativo.

Parentalidade e relações raciais

Ao dialogar sobre esses atravessamentos, pensando a parentalidade e as relações raciais, é preciso levar em conta que o sujeito negro fará parte da constituição do ser, realizando suas funções parentais. É preciso compreender as amarrações às quais o sujeito negro está submetido em uma sociedade racista e doente.

O lugar da análise, da tentativa de recolocar a falta, a raiva dos nossos atravessamentos com as questões raciais, é um lugar muito individual e, muitas

vezes, solitário. A busca constante do coletivo, do apoio, dos quilombos, traz a reflexão sobre se as instituições estão preparadas para a chegada dos negros por meio das ações afirmativas.

Nesse caminhar, transcorremos com nossa dor, nossas angústias e ansiedades. Nas falas que vem desde o nascimento do ser negro. Retorno em uma fala de Regina, que traz: “No meu nascimento, minha mãe foi realizar o parto em outra cidade”. Um local distante da cidade em que suas irmãs nasceram, pois quis fazer a cirurgia para não ter mais filhos e tinha dificuldade para encontrar um hospital que fizesse tal procedimento. Isso sempre soou estranho, com um sentimento de estrangeirismo. “Eis que nasce a filha caçula. A mais neguinha da família.”

Regina pensa nos olhares de sua época, porque quando cresceu não entendia os olhares que a atravessavam, e eram sempre de rebaixamento. Às vezes, percebia que esses olhares nem vinham, ou ainda não vêm. Isso dói em nosso corpo, isso nos adocece, isso nos trava. Escrevo em terceira pessoa, pois dói em mim também como mulher negra.

Diante desse estrangeirismo, o questionamento do nascimento se torna alvo dos questionamentos parentais, um ideal de “eu”, algo latente e invisibilizado do ser negro e ser sujeito.

Vivemos com o olhar daqueles que nos racionalizam. Com todos os atravessamentos, vem a negação dos nossos corpos. Somos negros e não escolhemos nascer nesta sociedade que nos exclui e nos mata. Como diz Souza (1983, p. 10), “as feridas do corpo tornam feridas da mente!”. Para isso, é preciso pensarmos no cuidado, no cuidado individual e, principalmente, no cuidado coletivo.

Refletindo sobre o cuidado, pensamos na mãe preta, que recebe seu filho nos braços. No bebê que se constitui através do olhar do outro e que estrutura seu psiquismo pelo toque, pelo cheiro e pelo cuidado. Ao atender as crianças pretas, é preciso perceber o quanto tudo isso é marcado desde a infância, infância que aparece até hoje, infância da minha criança, que aconteceu há três décadas, quicá na época dos nossos ancestrais.

Ao ouvir um sujeito de cor, isso soa como cuidado, independentemente do ser branco ou ser preto, cuidado com o corpo, cuidado com o psiquismo. Pensando em cuidado com o corpo, trago a cena de Regina: “Recebi alguns exames recentemente, acusou que estou com a vitamina D baixa e uma inflamação no colo do útero. Toda essa informação me fez ir à uma análise mais profunda, daquilo que falei no início da sessão. Meu corpo inflama, e não há colo do útero que aguento”.

Diante desse relato, aparece o sintoma, algo para sinalizar que é preciso compreender as especificidades do ser sujeito preto. Esse corpo que se move para outros lugares desde o nascimento.

Diante da função parental, é preciso incluir corpos, que não aqueles massivamente representados em todos os espaços de construção do conhecimento e de divulgação de informações. Esses corpos não nos representam! Cada corpo

conta uma história, tem memória, atravessa o tempo, os laços e os impactos do racismo no corpo, com o que diz no olhar, na voz, no sentir: opressão, tensão, cansaço, exaustão, ansiedade, sufocamento, trauma... História que interage com o mundo e com o outro, história dos negros que exercem a função parental e que se perdem em sua identidade diante da estrutura imposta pela sociedade e seus lugares de direito.

O nascer das pessoas negras é atravessado pelas relações raciais. Apesar de alguns de nós, negros, sabermos que boa parte de nossa condição de sofrimento social é causada pelo racismo, os ideais dos brancos ainda influenciam nossa vida. Esse ideal é imposto como parâmetro de beleza, pureza artística, estética, moral e sabedoria científica (Nogueira, 2017).

O sujeito de cor

Ainda que a expressão tenha que ser exposta, como uma ferida aberta, a representação tem que ser demarcada, para chegar na causa do sintoma. Algo que se repete paralelamente e que vai constituindo as famílias. Colocamos aí um sujeito que, por mais que receba amor e cuidado em sua família, pode ser arrematado pelo Outro que não o vê, não o escuta, não dá afeto e se distancia, inconscientemente, sem ao menos se entender por quê. É um racismo silenciado, no qual as famílias brancas se constituem e os negros sempre ficam para trás.

É nesse momento que cabe aos psicanalistas pensar: que sujeito é esse? O sujeito de cor, que tem dificuldade em se olhar no espelho, que não se reconhece, que enfrenta dificuldades em se relacionar - dificuldades essas que afetam os sujeitos negros. Alguns deles não se reconhecem e buscam um ideal branco.

Questionamento este que leva a pergunta: o que é ser sujeito branco, preto ou apenas ser sujeito? Coloco essa pergunta, como provocação, de modo a acreditar que em algum momento chegaremos a um ideal de convivência entre os sujeitos, sem olhar a cor! Seguiremos resistindo e acreditando na expansão da consciência dos sujeitos.

São muitos os lugares em que só se veem sujeitos brancos. Neles os sujeitos de cor só poderão adentrar quando cada um se reconhecer também pertencente a esses espaços. Esse sujeito nasceu, cresceu, sobreviveu e estamos no movimento apoiando nossos ancestrais, que estão cansados ou que já se foram. Arrisco dizer que é um novo momento, e que a escrita, assim como há séculos foi a forma como Esperança Garcia se manifestou, ainda está valendo para continuarmos nos apoiando.

Esperança Garcia queria apenas passar mais tempo com seu filho, vivendo e cuidando de seu filho. Isso nos leva a pensar nas agressões físicas e verbais pelas quais o sujeito de cor passa. Na infância, o único olhar que atravessa mais forte é o de seus familiares, que geram cuidados, mas é diferente quando uma

criança chega com os traços de bebê que a cultura impõe ser belo, e isso se refaz por toda a vida, sempre na mesma posição do olhar que difere.

Na clínica como as Dandaras, Carolinas, Reginas e tantas outras, elas sempre falam desse lugar, buscam olhares, sustentos e escuta das suas dores e faltas. A psicanálise está aqui para ouvir as angústias, as ansiedades e os traumas. Mas até que ponto as instituições e as clínicas fazem parte desse local? E conhecer essa realidade é o que fez com que em todo o percurso do meu texto os nomes das “analisantes” fossem usados no plural, porque as cenas se repetem entre os sujeitos, e esse não olhar se repete nas falas do povo preto.

Considerações finais

As últimas palavras vêm em forma de esperança, para pensar a psicanálise, a parentalidade, e os psicanalistas que estão envolvidos com ações afirmativas em suas instituições e, assim, estão se questionando sobre o sintoma em que a própria psicanálise se estruturou, por meio desses mesmos sujeitos que fazem a psicanálise e que sustentam aqueles que escutam em seus anseios e desejos, para dar contorno e adentrar nas formas de exercer as funções parentais.

Quanta esperança você me trouxe, Esperança Garcia, ao me deparar com o seu desejo que foi ao encontro do meu para escrever e deixar registrado para além do tempo, pois a escrita nos possibilita esse lugar. Conhecer os seus escritos após algumas décadas fez com que mantivéssemos esse lugar, possibilitando chegar em lugares libertadores e inimagináveis. Por isso, aceito escrever mais, da forma que me é possível, independentemente do lugar que ocupo na academia.

Contudo, as funções parentais vão ao encontro do nascer do negro, das formas de cuidar, de olhar e se inserir na sociedade a partir dos outros, garantindo uma comunicação saudável entre os sujeitos, para formação do ser e do conviver.

Observo que escrever e falar também me leva para outros lugares, o desejo de ler e ouvir mais pessoas pretas, viver nesse lugar do não ser objeto, principalmente objeto dos sujeitos brancos e até de pessoas próximas, esses que silenciam por vezes nos seminários e nos grupos de estudos, e que por vezes nos fazem silenciar. Que seja um silêncio de processo analítico e não de cancelamento.

Finalizo com essas palavras, acreditando num novo momento, sei que há uma imensidão de pessoas que precisam compreender sobre essa escravidão, que hoje ainda existe, em que os sujeitos estão presos em seus pensamentos e atos.

Referências

- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó.
- Nogueira, I. B. (2017). Cor e inconsciente. In: N. M. Kon, M. L. Silva, & C. C. Abud (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil: questões para psicanálise* (pp. 121-126). São Paulo: Perspectiva.
- Mott, L. R. B. (1985). *Piauí colonial: população, economia e sociedade*. Teresina: Projeto Petrônio Portella.
- Souza, N. S. (1983). *Tornar-se negro: ou vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda.